

## Os três sinos: um ensaio sobre a tripartição da morte



### RESUMO

O objetivo deste artigo em forma de ensaio teórico é discutir a hipótese de que podemos compreender três distintos aspectos da morte, consoante os três registros psíquicos propostos por Jacques Lacan. Em outros termos, este estudo sustenta a hipótese de que, para Lacan, é possível pensar numa tripartição da morte. Para alcançar o intuito proposto, foi realizado um estudo acerca do Nó Borromeu para, em seguida, percorrer distinções da morte em cada um dos registros estruturais da realidade humana, a saber: Simbólico, Imaginário e Real. Conclui-se que é possível reconhecer as diferenças entre as mortes da seguinte maneira: a morte Simbólica enquanto inaugural, porque causa eficiente do homem; a morte Imaginária relacionada à angústia, ao pensarmos nosso aniquilamento existencial; e, por fim, a morte Real enquanto causa final de todo humano.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Morte; Simbólico; Imaginário; Real.

\* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Atua como psicólogo do Núcleo de Acompanhamento Psicopedagógico e Assistência Estudantil do Campus Curitiba da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Professor em cursos de especialização. CV: <http://lattes.cnpq.br/3737099158763033>



## The three bells: an essay on the tripartition of death

### ABSTRACT

This article, in the form of a theoretical essay, aims to discuss the hypothesis that we can understand three distinct aspects of death according to the three psychic registers proposed by Jacques Lacan, that is, this study supports the hypothesis that, for Lacan, it is possible to think of a tripartition of death. In order to reach the proposed goal, a study was carried out on the Borromean Knot to then go through distinctions of death in each of the structural registers of human reality, namely: Symbolic, Imaginary and Real. It is concluded that it is possible to recognize the differences between the deaths in the following way: Symbolic death as inaugural because efficient cause of man; the Imaginary death related to anguish when we think about our existential annihilation; and, finally, the Real death as the final cause of every human.

**Keywords:** Psychoanalysis; Death; Symbolic; Imaginary; Real.

## Las tres campanas: un ensayo sobre la tripartición de la muerte

### RESUMEN

El objetivo de este artículo en forma de ensayo teórico es discutir la hipótesis de que podemos comprender tres aspectos diferentes de la muerte, según los tres registros psíquicos propuestos por Jacques Lacan. En otras palabras, este estudio apoya la hipótesis de que, para Lacan, es posible pensar en una tripartición de la muerte. Para lograr este propósito, se realizó un estudio sobre el Nudo Borromeo para luego recorrer distinciones de la muerte en cada uno de los registros estructurales de la realidad humana, a saber: Simbólico, Imaginario y Real. Se concluye que es posible reconocer las diferencias entre las muertes de la siguiente manera: la muerte Simbólica como inaugural, porque es la causa eficiente del hombre; la muerte Imaginaria relacionada con la angustia, cuando pensamos en nuestra aniquilación existencial; y, finalmente, la muerte Real como causa final de todo ser humano.

**Palabras-clave:** Psicoanálisis; Muerte. Simbólico; Imaginario; Real.



**T**rês sinos: é tudo o que podemos esperar da vida. Na verdade, dois; o outro é uma espécie de brinde. Dois sinos: o primeiro, repicando, ecoa o nascimento; o último, com seu fúnebre dobre, atoa a morte. De toda forma, “Os três sinos”, “*Le trois cloches*”, é uma canção da década de 1930, escrita por Jean Villard (Gilles) e Aman Maistre (Julien), que ficou famosa na voz de Édith Piaf em conjunto com os *Compagnons de la chanson*, a partir de 1946 (Fundação Jean Villard-Gilles, 2011). Uma música que conta a ordinária vida de Jean-François Nicot, nascido sob as estrelas em um vilarejo esquecido ao fundo de um vale. Marcando seu nascimento social, o batizado, badala um solitário sino de Igreja. Os repiques dessas badaladas o recebem calorosamente e anunciam aos desavisados que é por Jean-François que a comunidade se alegra. Foi-se o primeiro sino.

Na mesma Igreja, dezenove anos depois, agora um carrilhão tilinta a felicidade de um jovem casal: nosso já conhecido Jean-François e sua doce e alva Elise. É o suicídio do imberbe Nicot – afinal, amar é uma maneira de se suicidar, diria Lacan (2009). É o segundo sino, presente em algumas vidas, mas não em todas. Finalmente, sob o mesmo céu estrelado que o recebeu, Jean-François morre. Homenageado pelas mesmas torres que o viram nascer, não pode escutar o barulho do solitário sino que, ao dobrar, lembra o velho povoado do ocaso de cada vida. Como diz a canção: “toda carne é como a relva / como a flor do campo: / espigas, frutas maduras, buquês e feixes, / infelizmente, tudo resseca”<sup>2</sup> (*Le trois cloches*). Tudo resseca, murcha e fenece.

Seguindo a ária que abre este trabalho, o objetivo que proponho para este artigo em forma de ensaio teórico é discutir a hipótese de que podemos compreender três distintos aspectos da morte, consoante os três registros psíquicos propostos por Jacques Lacan. Posto isso, discutirei a seguir três mortes, a saber, a morte Simbólica, a morte Imaginária e a morte Real, construindo inicialmente um breve entendimento dos registros psíquicos: Simbólico, Imaginário e Real (SRI).

### **Real, Simbólico e Imaginário (RSI)**

RSI, ou SIR, como prefiro nomear, é uma estrutura. Simbólico, Imaginário e Real formam um nó estrutural, o Nó Borromeu. Uma estrutura porque sincronicamente apresenta a configuração do psiquismo e seu resultado lógico final, condicionando e suportando, assim, a própria realidade. Lacan usa e abusa da matemática, da topologia e dos nós para pensar um aspecto clínico em seu ensino, mas não me proponho a tal aprofundamento aqui. Por ora, apresentarei uma parca discussão sobre os nós e algumas de suas características para, em seguida, pensar como a morte pode ser entendida em cada um desses registros; o que significa considerar a morte humana como tripartida, com um aspecto simbólico, outro imaginário e um real.

Os ditos três registros são pensados por Lacan ao longo do seu ensino, contudo ganham um aprofundamento significativo na última década de sua vida. Em 1980, ano anterior à sua

<sup>2</sup> Todas as traduções realizadas para este artigo são de responsabilidade do autor.



morte, afirma o psicanalista francês que a estrutura com a qual ele trabalha, distinta daquela construída por Freud, é justamente a dos nós e composta por RSI (Lacan, 1980). Dessa forma, o autor se distingue de Freud, que propõe entender a mente a partir de uma tridimensionalidade com as instâncias psíquicas sobrepostas, com o Isso (Id) nas profundezas e o Eu (Ego) na superfície, além de um apelo à organicidade – lembremo-nos das pulsões freudianas tendo como fonte os processos orgânicos. Para Lacan, o psiquismo, e a realidade em si, precisa ser entendido como uma superfície, bidimensional por consequência, estruturada tal qual um Nó Borromeu de três laços – muito embora ele também discuta outras estruturas com um número maior de laços, não nos ocuparemos delas neste texto. Em vista de tais pressupostos, a ideia é que, à distinção de Freud, Lacan pensa a mente ou o psiquismo humano a partir da proposta topológica dos nós. Enquanto Freud é um pensador representacionista que constrói o conceito de mente a partir da dualidade representação-energia, muito aproximado à maneira que Schopenhauer pensa seu mundo enquanto dualidade representação-Vontade, Lacan se apoia na matemática para conceituar o psiquismo como uma estrutura topologicamente entendida. Um nó, em topologia, pode ser pensado como “um conjunto de  $n$  circunferências disjuntas, submergidas no espaço tridimensional” (Amster, 2010, p. 117), é uma estrutura bidimensional e, portanto, não intuitiva, que submergimos no mundo tridimensional para melhor compreensão. Nesse sentido, dizer que a subjetividade ou os registros psíquicos que suportam a vida, ou nos quais a vida se estrutura, enfim dizer que a subjetividade deve ser conceituada a partir de uma construção bidimensional pautada matematicamente é fugir do paradigma representacionista no qual Freud estaria submerso. Tal afirmativa acarreta de imediato uma implicação relevante, para pensarmos a diferença entre o homem freudiano e o homem lacaniano. Por um lado, com Freud, entendemos um homem que possui um corpo e cujo corpo é fonte das pulsões; além disso, um corpo que possui sentidos que se relacionam com o mundo para criar representações e, por conseguinte, memória. De outro lado, com Lacan, temos que o psiquismo é estruturado, ou melhor, entendido a partir de uma formalização matemática: o psiquismo é conceituado sem a presença de um corpo biológico anterior. A estrutura é primordial, mas essa estrutura para Lacan tem relação com a linguagem; ainda melhor: a linguagem é a estrutura e ela é anterior ao sujeito.

Pois bem, Simbólico, Imaginário e Real são o arcabouço que suportam e explicam o sujeito enquanto efeito de linguagem. Para Lacan, o sujeito - enquanto subjetividade, assim como assunto e tópico – é estruturado, arcabouçado, como algo tripartido, no que se refere aos efeitos possíveis de uma ordenação significante que faz corpo. O sujeito é um efeito discursivo da e pertencente à estrutura de linguagem, causado pelos significantes; linguagem que se materializa enquanto inaugurada e inauguradora no enodamento borromeu de uma maneira significativa no nó Simbólico. Essa linguagem, enquanto conformadora, existe antes do sujeito, ao mesmo tempo em que se faz história, diacronia, por meio dos seres falantes. Portanto, a linguagem, logicamente, é inaugural. Logicamente, mas não cronologicamente. Em outras palavras, a linguagem enquanto estrutura inauguradora se apresenta logicamente como primeira, no nó Simbólico; mas não cronologicamente, porquanto o próprio Lacan



indicava que essas estruturas estão juntas e não existiria uma cronologicamente anterior ou posterior à outra.

Embora Lacan nos convoque a ler os três registros de maneira sincrônica (Colares, 2021), é lógico que o Simbólico é primeiro, porquanto no universo humano nada há que não esteja inscrito na linguagem (Lacan, 1998b). Uma parte dessa linguagem, por assim dizer, sua mínima parte, se pudermos extrapolar o entendimento, aquilo que Saussure (2006) chama de imagem acústica ou significante, é justamente a causa material do sujeito (Lacan, 1998c). O registro Simbólico enquanto continente da linguagem é a parte da estrutura do sujeito que podemos denotar como circunscrevendo sua inauguração, pois é no buraco do simbólico, no qual se escreve a morte, que podemos encontrar o traço inaugural daquilo que se entende como linguagem (Lacan, 1962).

Disse acima que Lacan vai pensar sua epistemologia a partir de uma bidimensionalidade, mas como pensar o sujeito, efeito simbólico, nesse sentido? Para ele, o sujeito enquanto assunto, conto, história, é um efeito causado pelos significantes. Significantes que são imagens acústicas e possuem seu lugar inaugural n'Outro – conceito lacaniano que vai significar o tesouro e bateria dos significantes, o lugar onde estaria reunida a totalidade dos significantes. Desse lugar provém alguns significantes, mas não todos, e que criam um corpo incorpóreo que o sujeito-história acredita ser tridimensional. Diz o psicanalista: “o efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. [...] ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa [...] para um outro significante” (1998c, p. 849). Diz mais: “com o sujeito, portanto, não se fala. Isso fala dele” (1998c, p. 849). Isso, ou o que por ora podemos associar como linguagem, é a causa do sujeito e é a linguagem que fala de um sujeito, porquanto ele é seu efeito. Somos efeitos de uma história que se iniciou antes de nós mesmos. Nesse sentido, recordo de um poema de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, no qual se lê que “somos contos contando contos” (Pessoa, 1994, p. 147).

O sujeito existe nessa bidimensionalidade da linguagem, na diacronia significante, num conto, num discurso; assim como o inconsciente enquanto discurso ou estruturado tal qual uma linguagem. O registro do Simbólico, primeiro nó lógico da realidade subjetiva, diz de uma inauguração do sujeito como efeito de existir linguagem.

Por sua vez, o Imaginário é logicamente segundo, no sentido que contempla a construção psíquica que se relaciona a uma ficção de corpo tridimensional, ao entendimento de um para-si corporal naquilo que Eu me relaciono com um outro. O imaginário é essa instância que se relaciona com as imagens e com as ilusões, ficções, da vida humana. As verdades imaginadas e que, no final das contas, são mentiras que esqueceram do seu verdadeiro lugar (Nietzsche, 2008). O registro Imaginário, então, tem como marca a questão do Eu, do corpo e suas relações com o outro. É, portanto, importante entendermos como Lacan pensa a construção do corpo naquilo que nomeou como Estádio do Espelho (1998a): um corpo, um Eu, intimamente ligada àquilo que Hegel (2014) vai compreender como uma consciência-de-si que só se constrói a partir do reconhecimento de uma outra consciência-de-si. Nesse sentido, Lacan explica que “é preciso [...] distinguir absolutamente a função imaginária do eu



como unidade do sujeito alienado em relação a si mesmo. O eu é isso em que o sujeito só pode se reconhecer inicialmente alienando-se. [...] Aí se desenvolve a dimensão, bem distinta da agressão” (2005, p. 30). No Seminário sobre “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”, de 1954-1955, Lacan nos apresenta o Esquema L, uma representação que serve à Lacan para situar as relações simbólica e imaginária e junto ao qual vai poder dizer que “o eu é uma construção imaginária” (Lacan, 2005, p. 226). Ademais, a relação imaginária aconteceria entre o que ele formalizou como a - a’, uma relação entre duas ficções: por um lado o Eu (a), construído imaginariamente enquanto “precipitado das identificações com a imagem do outro” (Eidelsztein, 2018b, p. 67) e, por outro lado, o semelhante enquanto imagem no espelho (a’). Esse eixo imaginário corta o eixo simbólico, aquele da linguagem, que é vetorizado de A para S – S que pode ser pensado, no momento, como sujeito do inconsciente e A como o grande Outro, lugar dos significantes.

Por fim, o anel do Real considero ser o mais complexo de se compreender, e não porque de fato seja difícil, mas porque seu estudo parece ter levado a compreensões distintas por parte dos discípulos e estudiosos da obra lacaniana (Eidelsztein, 2017). É frequentemente dito que o conceito de Real, enquanto substantivado, aparece pela primeira vez no ensino de Lacan no ano de 1953, mais especificamente na conferência datada de 08 de julho de 1953, intitulada “O simbólico, o imaginário e o real”, proferida à Sociedade Francesa de Psicanálise. Ali o Real aparece como um dos “registros essenciais da realidade humana e que se chamam simbólico, imaginário e real” (Lacan, 2005, p. 12). Não obstante sua inauguração conceitual, quando da discussão final da conferência, Serge Leclaire indica a Lacan o fato de que ele pouco ou nada falara do Real, ao que o psicanalista francês responde: “O real é ou a totalidade ou o instante esvanecido. Na experiência analítica, para o sujeito, é sempre o choque com alguma coisa, por exemplo, com o silêncio do analista” (2005, p. 45). De 1953 até o final de seu ensino, Lacan vai trabalhar o Real de maneiras diversas e construir seu conceito de maneira ímpar a cada etapa. Roudinesco e Plon, por exemplo, apresentam no mínimo quatro leituras, a saber: o Real enquanto aquilo que é impossível de simbolizar; aquilo que é da ordem da realidade psíquica; o Real enquanto resto; e como território próprio da loucura (Roudinesco & Plon, 1998).

Pois bem, retomemos à resposta lacaniana a Leclaire. Lacan afirma que “o real é ou a totalidade ou o instante esvanecido” (2005, p. 45). Em 1955, dois anos após a supramencionada conferência, em sua aula de 29 de junho de 1955 no já mencionado Seminário “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”, Lacan vai chamar o Outro, A, de Outro radical porquanto é “o real em seu caráter igualmente mais radical, o polo real da relação subjetiva” (1955b, p. 300). Em outras palavras, o Outro, A, a bateria e o tesouro do significante, aquele lugar absoluto no qual existiria a totalidade dos significantes – inclusive o significante da falta no Outro – é o Real radical, o que significa a totalidade. Contudo, também diz o autor que o Outro, A, é o extremo real da relação subjetiva, relação caracterizada pelo vetor  $A > S$  no Esquema L (1955b). O Outro, justamente aquele que não é o sujeito, aquele que está n’Outro lugar, seria da ordem do Real. Esse Outro lugar que, podemos entender, é não-todo apreensível para o sujeito porque, caso fosse totalmente apreensível para o sujeito, o sujeito seria o Outro, o que





ele não é. O sujeito é efeito da relação simbólica,  $A > S$ . O Outro Real enquanto plenitude é pré-ontológico (Mohr, 2020).

Ainda, esse Real é bem a totalidade ou o instante que não permaneceu, responde Lacan a seu interlocutor. Instante esvanecido justamente como aquilo da ordem de um impossível de simbolizar porque não é mais; já não pode mais ser apreendido de fato. Em outras palavras, aquilo que se dá como evanescente em um instante é impossível de ser compreendido, apreendido, simbolizado. Nesse momento da construção lacaniana, o Real, então, é ou o Absoluto ou aquilo que já não pode ser simbolizado porque já evanesceu. Entretanto, a resposta continua: “na experiência analítica, para o sujeito, é sempre o choque com alguma coisa, por exemplo, com o silêncio do analista” (Lacan, 2005, p. 45). Em análise, o Real se coloca ou dá sinais a partir do choque do sujeito com um anteparo que impede o prosseguimento. Vale lembrar que o analista ocupa transferencialmente o lugar do Outro na relação simbólica (Lacan, 1998b), o que nos permite reler a sentença lacaniana argumentando que o Real aparece na análise sempre como um encontro com um anteparo bloqueador de movimento, ainda que momentâneo. Algo como o silêncio do Outro; silêncio que imprime o esvanecido mesmo de qualquer racionalidade.

Segundo nosso estudo sobre o Real, no Seminário sobre “a ética da psicanálise”, proferido no ano letivo de 1959-1960, Lacan dedica duas aulas ao conceito de *Das Ding*, que em francês denomina *la Chose*, e o vai vincular às ambiguidades aparentes entre os princípios de prazer e de realidade em Freud. De imediato, cabe ressaltar que o conceito de *Das Ding* não é propriamente lacaniano, mas o podemos recortar inclusive da pena de Kant e Schopenhauer, por exemplo. Cada um deles vai conceituar A Coisa, *Das Ding*, ou coisa-em-si, a seu modo, mas podemos, por ora, compreender que *Das Ding* seria inapreensível do mundo pelo ser humano; algo que escapa à possibilidade de apreensão do humano, talvez algo da essência do mundo que é impedida ao homem de ser compreendida. Como diria Schopenhauer: “a essência íntima do mundo, a coisa-em-si, jamais pode ser encontrada pelo fio condutor do princípio de razão, mas tudo a que conduz é sempre dependente e relativo, sempre apenas fenômeno, não coisa-em-si” (Schopenhauer, 2005, p. 78).

Retomando, Lacan nos explica a distinção, em alemão, entre *Sache* e *Ding*, indicando que *Sache* é da estrutura de uma produção humana e *Ding* é de outra ordem. Diz Lacan que *Das Ding* está localizado alhures da relação entre *Sache* e *Wort*, a palavra. *Das Ding* não se encontra no contínuo *Sache-Wort*, contínuo que, para o autor, explicita um mundo de coisas e das palavras que as referem, muito embora sejam essas mesmas palavras que criam essas coisas. Aquilo que se refere a *Das Ding*, portanto, está alhures do mundo concreto criado pelas palavras. Aquilo que se refere a *Das Ding* é o segredo, “o verdadeiro segredo” (Lacan, 1960, p. 36). Um segredo que é imputado ao princípio de realidade de Freud.

Para o psicanalista francês, o mistério de *Das Ding* é o segredo do princípio de realidade, princípio que, segundo ele, compreendemos mal porque interpretamos muito mal. *Das Ding*, porque não se encontra entre *Sache* e *Wort*, porque está n’Outro lugar, à margem, é qualquer coisa revelada pelo princípio de realidade enquanto associada ao que Freud denominara *die Not des Lebens* e que lemos de forma equivocada como “necessidades vitais”. Contudo, é aqui onde

diz Lacan que lemos mal, essas necessidades vitais não seriam da ordem de uma necessidade biológica, animal, tal qual a fome ou a sede. *Die Not des Lebens*, explica o psicanalista, estaria na ordem de uma necessidade da vida; é o estado de urgência, de aflição da vida (Lacan, 1960). Ademais, vida e Real são intimamente ligados, veremos adiante.

Praticamente uma década depois, no Seminário de 1971-1972, "...ou pior", Lacan irá falar do Real coeso a um de seus mais famosos aforismos, o qual tomo a liberdade de citar no original para, em seguida, lapidar sua tradução: "*il n'y a pas de rapport sexuel*" (Lacan, 1972, p. 7). Convencionou-se traduzir a sentença supramencionada por "não existe relação sexual", o que entendo ser, no mínimo, limitante. *Rapport* em francês, além da denotação de relação, também se refere a fração matemática, medida, parentalidade, afinidade e analogia. Nesse sentido, pode-se ler que a inexistência, consoante o adágio, é da igualdade, da analogia, da identidade sexual. No que concerne à sexualidade, não há igualdade, medidas análogas ou proporcionalidade matemática entre os sexos. E isso, diz Lacan, é da estrutura do Real.

Para o subversor de Freud, haveria aí, nessa tentativa de analogia, algo da ordem de um impossível. Até porque, diz-nos o autor que, a considerar a linguagem, sua instância, nada poderia nos levar a uma formulação, um entendimento, uma razão satisfatória desse *rapport*, dessa relação, dessa analogia (1972). Em outras palavras, mesmo considerando a linguagem enquanto criadora do universo humano, há nela a incapacidade, a inadequação para a compreensão ou validação de uma proporção, de uma identidade a nível sexual. O *rapport sexuel* resta excluído da possibilidade de compreensão na linguagem e, por conseguinte, na razão. Ele é impossível; é Real. A própria tentativa de o compreender, de o apreender, expõe o limite da linguagem. Aqui, para Lacan, o Real é o impossível enquanto inapreensível pela linguagem. Não obstante, o Real só pode ser acessado pela linguagem mesma, quicá porque construído por ela, pelo registro do simbólico, porquanto tudo no universo humano é de um universo de linguagem. Na lição de 19 de abril de 1972, Lacan confirma essa leitura ao dizer que "esse real do qual falo [...], seu acesso é o simbólico. O chamado 'real' está no e por meio do impossível que não é definido e acessado senão pelo simbólico" (1972, p. 58). Definido e acessado.

Prosseguindo, no Seminário "mais, ainda", de 1973, mais especificamente na lição de 16 de janeiro, Lacan nos lembra de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem para especificar que o inconsciente é estruturado à maneira de um ajuntamento, *assemblage*, de letras (Lacan, 1973). Ressaltamos que o ajuntamento, como explica Lacan, refere-se à teoria dos conjuntos, a qual sustenta a ideia de conjunto como um ajuntamento de objetos sem que esses participem necessariamente, logicamente, de uma comunidade com propriedades idênticas, tampouco semelhantes. Em outros termos, as coisas de um conjunto pertencem a esse conjunto simplesmente por pertencerem, sem uma lógica ou uma marca identitária entre si – pelo menos para Cantor (Gomide, 2016). Enfim, em 1973, na aula acima mencionada, Lacan fala da teoria dos conjuntos para dizer que o inconsciente estruturado como uma linguagem pode, talvez deva, ser pensado a partir do problema da letra e do ajuntamento. Diz ele que os conjuntos, como ajuntamento de coisas, recebem cada qual uma letra que não serve para designar o referido conjunto, senão que "as letras 'são' – e não designam – os ajuntamentos" (Lacan, 1973, p. 49). As letras, nesse sentido, funcionam também como ajuntamentos de coisas





e Lacan diz que a máxima, o inconsciente é estruturado como uma linguagem, pode ser relida como: o inconsciente “é estruturado como ajuntamentos” (1973, p. 49), como as letras da teoria dos conjuntos que não designam, mas que são o próprio ajuntamento. O inconsciente é estruturado como um ajuntamento de letras, *lettres*.

*Lettre* que, aliás, também pode ser traduzido por carta. Em 1955, Lacan pronuncia seu Seminário acerca de “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe, no qual diz que a carta roubada, *la lettre volée*, é o puro significante (Lacan, 1955a). A carta-letra é o puro significante que, conforme vimos acima, é um ajuntamento. Então, podemos sumarizar: o significante puro, enquanto pré-empírico, é da ordem de uma letra como ajuntamento; roubada, furtada ou, por que não, perdida, inacessível a um sentido em-si.

Retornando agora a 1973, Lacan diz que a relação sexual, *rappor sexuel*, é a parte do Real que não pode se formar por letras. Ou seja, o impossível da analogia sexual é impossível de se escrever em letras (Lacan, 1973). Mais especificamente, em letras da matemática. E isso porque, ainda diz o autor, a importância da introdução da matemática na psicanálise é, entre outras coisas, pelo fato de que não há mais o que se ler a não ser letras; letras enquanto ajuntamentos de conjuntos: letras matemáticas. Recordemos, ainda, o que disse o psicanalista em 1953: o símbolo faz o homem e, só depois, o homem fala; ainda mais, o número é o símbolo mais puro (Lacan, 1998b).

Cabe também lembrar que, ao desenhar seu Nó Borromeu, em 1974, n’“A terceira” de suas conferências em Roma, Lacan escreve dentro do nó Real a palavra vida e explica que a vida tem algo de uma impossibilidade de entendimento, se considerarmos o inexplicável salto qualitativo de uma matéria inorgânica para a dupla hélice de um DNA. “Não há nada de mais real” (Lacan, 1974, p. 18), tampouco de mais impossível, sem sentido, absurdo; da vida, sabemos nada, diz-nos Lacan.

Seguindo, em 1977, na aula de 08 de março do Seminário, ainda não traduzido, “*L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*”, e sobre o impossível e o problema da escrita, Lacan é claro ao dizer que “o que chamo de ‘o impossível, é o Real’ se limita à não contradição” (Lacan, 1977, p. 59). O Real, nesse sentido, é algo que funcionaria aquém da experiência, mas além da linguagem. Vale lembrar que o Real se apresenta, é construído, é compreendido unicamente depois da linguagem criar e ter acesso ao mundo. A linguagem cria o mundo e, por conseguinte, inaugura o Real como o lugar no qual se marca certa impossibilidade; afinal, o Real é logicamente terceiro (Lacan, 1976). O autor ainda diz que “o Real é impossível apenas de escrever, isto é: não cessa de não ser escrito”, muito embora ele seja “possível enquanto se espera que seja escrito” (Lacan, 1977, p. 59).

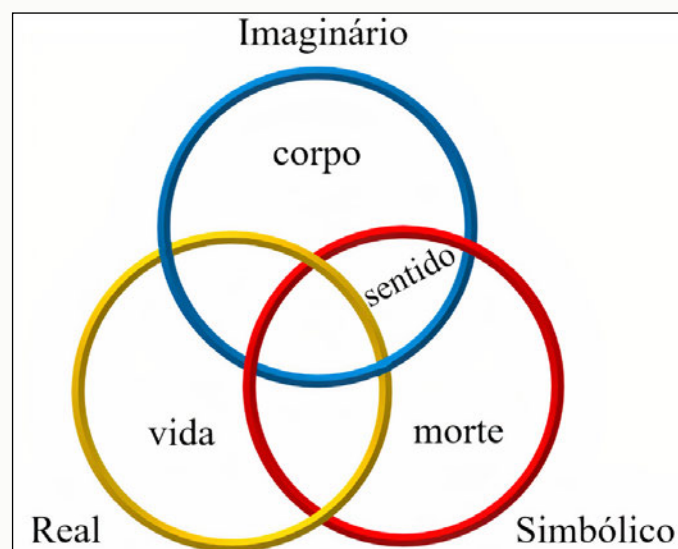
Finalmente, como o depreendo, o Real diz respeito a um aspecto da vida humana que é impossível de ser escrito em letras matemáticas ou, como diria Lacan, “o Real é impossível apenas de escrever, isto é: não cessa de não ser escrito” (1977, p. 59). De todo modo, isso não significa que o Real corresponda a algo pré-verbal, no sentido de um organismo anterior à entrada do humano na linguagem. Não há universo pré-verbal ou anterior à linguagem, para Lacan (Eidelsztein, 2018a). Como consequência dessa conceituação, entendo também o Real



como logicamente terceiro dentre os registros, no sentido de que o Real só pode ser pensado a partir da linguagem.

Esses são, com o perdão do reducionismo sempre ingrato, os registros, os nós que suportam o sujeito. E, com eles em tela, dou continuidade à tentativa de defender a tese ora apresentada: a de que a cada uma dessas inscrições corresponderia uma morte, ou um entendimento da morte tal qual podemos apreender do ensino e da obra de Jacques Lacan.

Contudo, antes de avançarmos na construção dos argumentos, tomo a liberdade de desenhar o Nó Borromeu assim como o faz Lacan, mas de uma forma não-completa, no sentido de que deixarei arbitrariamente de inscrever alguns itens em seu interior - os quais julgo não serem essenciais ao caminho que desejo percorrer aqui. Segue a caracterização dos três registros baseada na que encontramos no documento referente à conferência intitulada "A terceira" (Lacan, 1974):



**Figura 1.** Figura Nó Borromeu em "A terceira", 1974.

**Fonte:** O autor

De imediato, chama-nos a atenção o fato de que Lacan reservou o conceito, ou o significante morte para o buraco do Simbólico, mas o Simbólico naquilo que é exclusivamente disjuntivo do Real e do Imaginário. Nesse mesmo sentido, no Imaginário encontramos o corpo e, por fim, no Real encontramos a vida. Vejamos também que a ideia de sentido está na intersecção entre Imaginário e Simbólico, mas apenas naquilo que é disjunção com o Real. O Real não tem sentido; mais ainda: a vida não tem sentido. Falaremos disso quando for oportuno, mas, neste momento, cabe iniciar o percurso daquilo que vou chamar de "as três mortes de Lacan".

### O primeiro sino: a promessa de um ocaso

Nasce um bebê, Jean-Nicot ou qualquer outro, e nasce junto a promessa de uma morte que, apesar de inevitável, é incerta no sentido de sua chegada quase sempre não sabida (Heidegger, 2012). Muito embora seja frequentemente dito que a única certeza que podemos ter na vida é que estamos destinados à morte, essa conclusão se forma de uma indução que,

no limite, não pode ser logicamente, ou melhor, plenamente sustentada. Não é porque todo e qualquer animal, humano ou não, que viveu antes de nós, morreu, que também nós vamos morrer. Não há garantias disso. É uma indução que não temos como sustentar, no seu cúmulo, de maneira científica – ao menos não para o paradigma hipotético-dedutivo tão caro à ciência (Popper, 1980). Não podemos garantir que o primeiro imortal ainda não tenha nascido. Assim, diz-nos Lacan que “a morte é do domínio da fé” (Miller, 2017, p. 11). A morte é uma promessa e uma garantia: “porque no dia do teu comer dela, morrer morrerás” (Gên. 2: 17).<sup>3</sup> A morte é um voto divino que inaugura a humanidade enquanto tal, seres angustiados que antes do dito de YWHW não podiam sequer se angustiar, uma vez que existiam junto d’Ele. É apenas depois da transgressão que fora fundada, instituída pelo Verbo, que os primeiros humanos – deixando ao largo, propositalmente, a discussão sobre Lilith e Adam Kadmon – puderam desejar e se envergonhar: “pegou do fruto dela e comeu; e deu também para o marido dela, com ela, e comeu. E foram abertos os olhos dos dois deles, e souberam que desnudos eles [estavam]” (Gên. 3: 6-7). Assim também constrói Kierkegaard um entendimento similar ao explicar que o pecado hereditário enceta a pecaminosidade, quiçá o desejar, no gênero humano. Em outras palavras, antes da transgressão não havia humanidade. Transgressão que, apesar de não compreendida por Adão, já trazia inerentemente a marca da morte. A humanidade começa com o recebimento da morte e da concupiscência, do ocaso e do desejo. Nas palavras do filósofo dinamarquês: “junto com a pecaminosidade foi posta a sexualidade. No mesmo instante começa a história do gênero humano. [...] A consequência do pecado hereditário ou a sua presença no indivíduo é angústia [...] quanto mais original é um homem, tanto mais profunda será sua angústia” (Kierkegaard, 2013, p. 57).

É nesse sentido, de uma morte como visada prometida, que serve de sentença inaugural de uma vida, como causa eficiente de um falasser (Mohr, 2020), que compreendo a morte em sua vertente simbólica; e simbólica porque logicamente inaugural. Schopenhauer já nos dizia que aquilo pelo qual nos diferenciamos dos animais é justamente a ciência, o saber sobre a própria morte, afinal “só o homem carrega consigo em conceitos abstratos a certeza de sua morte” (2005, p. 365). Para o filósofo – e entendo que tal leitura se sustenta em Lacan, apesar de serem por aspectos epistemológicos distintos –, apenas o homem sabe de sua própria morte e seria justamente esse saber que o condena à vida. No caso de Lacan, não se trata de um saber racional, como podemos adjudicar a Schopenhauer, mas para o psicanalista, apenas o homem morre ou sabe da própria morte a ponto de tal dado inaugurar sua vida errante, à deriva e angustiada, porque o homem é o único animal inaugurado, criado pela linguagem.

Lembremos que o Simbólico é o *locus* por excelência do Outro, A. Outro que é tanto tesouro quanto bateria dos significantes e desde onde provêm a demanda que inaugura, ou causa, o desejo. Lembremo-nos da discussão topológica de Lacan com os toros entrelaçados e de que o tal desejo do sujeito é “inicialmente, o desejo do Outro” (Lacan, 1959, p. 11). Ou seja, ali no buraco do Simbólico, desde onde opera a linguagem, o Outro, o discurso, enfim, nesse lugar Lacan vai inscrever a morte – aliás, a única morte a figurar em sua representação

<sup>3</sup> Optou-se, ao citar o Antigo Testamento neste trabalho, por utilizar a tradução interlinear diretamente do hebraico (cf. Francisco, 2012).



do Nó Borromeu – as seguintes são por minha própria conta. Morte que, aqui, chamarei de morte original, inaugural, causa eficiente do homem porque vinculada à linguagem e ao Outro. Causa eficiente, aliás, tal qual a conceitua Aristóteles em sua “Metafísica” como “o princípio primeiro da mudança ou do repouso” (Aristóteles, 2002, p. 191). Em outras palavras, aquilo que é responsável pelo início do movimento ou do repouso de algo é sua causa eficiente; causa eficiente, portanto, é uma coisa que causa um efeito<sup>4</sup>.

Pois bem, a morte tal qual por ora pensamos, a morte inauguradora, causa eficiente do sujeito, é justamente aquela que é do domínio da fé enquanto necessária para suportar essa vida tão real enquanto impossível, enquanto sem sentido. Pergunta-nos Lacan em Lovaina: “Se não acreditassem, poderiam suportar a vida que possuem? Se não estivessem firmemente apoiados à certeza de que isso irá acabar, poderiam suportar toda essa história?” (Miller, 2017, p. 11). Eis o primeiro sino.

### O segundo sino: a dita segunda morte

Na canção, o casamento dos jovens apaixonados é acompanhado por um carrilhão; todos os sinos tocam o amor daqueles jovens que se entregam de corpo e alma, um ao outro. Quiçá mais corpo que alma.

Corpo, justamente a palavra que Lacan vai escrever no nó Imaginário, em 1974. Corpo imaginário enquanto constituído como efeito da relação com um outro. Até porque vimos acima que o Eu, enquanto corpo, se forma como um conjunto de identificações objetais; no final das contas, uma imagem. Diz Lacan em 1949, no texto “O estádio do espelho como formador da função do eu”: “basta compreender o estádio do espelho *como uma identificação* [...], ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (1998a, p. 97, grifo do autor). Além disso, ainda ratifica que “a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como *Gestalt*, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída” (p. 98). Esse corpo, inscrito no Imaginário, relacionado ao Eu, convoca-nos a pensar em uma outra morte que não aquela inauguradora no Simbólico, mas a que Lacan vai cindir, por assim dizer, ao propor a discussão de uma segunda morte em seu Seminário sobre “a ética” (1960).

Nesse sentido há, pelo pertencimento do sujeito à linguagem, a possibilidade de uma segunda morte – depois ou antes da primeira – que concerne à exclusão de tal sujeito da cadeia significante que o causa. Historicamente, a segunda morte enquanto aniquilação simbólica era justamente àquilo de que tentavam fugir os iniciados egípcios depois da morte do corpo: o devoramento por Ammit. Lacan, por sua vez, vai discutir ambas as mortes ao falar da função do belo. Nesse sentido, ele nos explica que o corpo, a forma do corpo enquanto imagem, está posto como limite de toda possibilidade do belo (Lacan, 1960). Então, o corpo,

<sup>4</sup> Remeto o leitor ao livro quinto da “Metafísica”, no qual o estagirita conceitua quatro causas para os objetos, para as coisas: causa material enquanto “a matéria de que são feitas as coisas” (Aristóteles, 2002, p. 191); causa formal como o modelo ou a forma que determinado objeto possui; causa eficiente enquanto origem do repouso ou movimento de determinada coisa; e, finalmente, causa final como “o fim, quer dizer, o propósito da coisa” (2002, p. 191).



que para Lacan é imagem, é Imaginário, não-natural, não-biológico, comporta uma segunda morte, e é justamente essa que relaciono ao Imaginário.

Essa segunda morte, apesar de situada no Imaginário, tem uma vinculação importante com o simbólico, uma vez que só pode ser pensada enquanto um perigo, por assim dizer, de aniquilamento do pertencimento de um sujeito à cadeia significativa. Mas como relacionar esse sujeito como efeito de significativa ao corpo e à segunda morte? Em “Televisão”, encontramos o seguinte: “de fato, o inconsciente só toca na alma através do corpo, por nele introduzir o pensamento [...]. O homem não pensa com sua alma [...]. Ele pensa porque uma estrutura, a da linguagem – a palavra comporta isso –, porque uma estrutura recorta seu corpo, e nada tem a ver com a anatomia” (Lacan, 2003, p. 511). Então, essa linguagem, melhor ainda, os significantes são a substância que compõe o corpo, que cria o corpo (Lacan, 1973). Esse corpo-imagem, criado pelos significantes, está no mundo, num universo languageiro, entre-duas-mortes (Lacan, 1960): a primeira, relacionada ao corpo vital que podemos chamar de real – e falaremos dele adiante; e a segunda, aquela que amarra Simbólico e Imaginário – lembremos, de mais a mais, que na intersecção entre Imaginário e Simbólico, Lacan escreve o sentido. Ainda em “Televisão”, encontramos: “quanto ao sujeito do inconsciente, ele engrena sobre o corpo. [...] ele só se situa verdadeiramente a partir de um discurso, ou seja, daquilo cujo artifício cria o concreto, e como!” (2003, p. 535). O corpo é um artifício criado pelos significantes.

Então, como tudo isso se relaciona? Esse corpo, essa imagem, esse artifício, esse engodo, se me permitem, serve como parte da função do belo que esconde, ou visa esconder, a morte – não obstante ela seja uma promessa necessária e o corpo se deteriore de fato com o passar dos anos. Diz, ainda Lacan, em 1960 no Seminário da “ética da psicanálise”, que a imagem, a forma do corpo – e que ele também chama de sombra –, enfim, essa imagem faz barreira à libido, mas também faz barreira à relação angustiante do homem com a segunda morte, ou seja, com a promessa de que um dia esse sujeito deixará de existir na cadeia significativa que, inicialmente, o causou. Uma promessa que convoca cada um a “dar conta do que não se é” (Lacan, 1960, p. 231). Portanto, a morte no Imaginário é a certeza, que tentamos sempre encobrir com a ajuda do belo e do corpo, de que não sou e, ainda mais, de que um dia não mais serei. Um juízo que, apesar de narcisicamente colocado – porquanto o medo da morte enquanto Imaginário é o de um dia não mais ser visto como um si-mesmo –, esconde sob tal miragem – o corpo e as relações imaginárias – o verdadeiro pavor, a verdadeira angústia: ser aniquilado por Ammit e não mais existir na linguagem. Sobre a questão do narcisismo e o medo da morte, cabe também lembrar o que nos disse Freud ao explicar que não há representação dela no inconsciente (Freud, 1996), ou seja, que a morte, em especial o medo da morte, é algo egoico, portanto imaginário. O Eu teme narcisicamente a morte enquanto finalização de si e constrói relações imaginárias, explicações, belezas, mitos e religiões para tentar se proteger de sua certeza. Em outras palavras, o Imaginário é da ordem de uma tentativa de dar consistência para a vida e, para isso, criam-se historietas que forcejam suprimir a promessa e a certeza da morte; esquecer e lembrar da morte do corpo – os contrários andam juntos – para ocultar o máximo possível a ameaça da segunda morte.



O casamento é uma dessas sombras, dessas miragens, desses engodos que imaginariamente nos protege, nos barra da angústia de ter que nos haveremos com o fato de que não somos; de que nada somos. Para conseguir um tal barulho que nos distraia, um sino apenas é pouco; é necessário um carrilhão.

### **O terceiro sino: uma vida que não tem sentido**

No buraco do Real encontramos a vida e, com ela, a primeira morte. Se a segunda morte nos diz da possibilidade de se ausentar, ou ser excluído da cadeia significativa, a primeira morte se refere à morte dita biológica, aquele fenecimento ao qual toda e qualquer matéria orgânica está destinada. Lacan inscreve a vida no Real, mas nos explica que vida está ali posta porque dela é impossível saber algo. É, ademais, sem sentido que haja vida, uma vez que é inexplicável o fato, ou salto de uma matéria inanimada para uma molécula de DNA. O Real é impossível de se escrever em letras, recordemos. É impossível explicar logicamente o salto, qualitativo se me permitem, de qualquer coisa para o DNA (Lacan, 1974). Se pudermos recorrer a outro filósofo, agora contemporâneo de Lacan, diríamos que a vida é um absurdo (Camus, 2010).

Essa primeira morte então, que encontramos aqui no terceiro nó da sequência lógica que propus acima, é a consequência cronológica e, talvez possamos dizer, entrópica de uma matéria que saltou do mundo inorgânico para o mundo animado. É o pagamento de uma dívida tomada antes mesmo de nossa entrada no mundo, mas que convoca cada ser vivo a saldar (Platão, 2004; Freud, 1996).

Por fazer parte do Real e ser consequência da vida, tampouco essa morte possui sentido e também poderia ser nomeada como sendo da ordem do absurdo. Apesar de podermos falar dela, escrevê-la é impossível. Contudo, talvez essa seja a mais verdadeira das mortes, no sentido de que a verdade é da ordem do Real. Retornando à "Televisão", lemos: "sempre digo a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam palavras. É por esse impossível, inclusive, que a verdade tem a ver com o real" (Lacan, 2003, p. 508); é por ter a ver com a vida e com o Real, que a primeira morte se arrola à verdade. A verdade de toda vida: seu ocaso inevitável, porém não sabido e sem sentido. Eis o terceiro sino, tão real que nunca será escutado por aquele a quem homenageia. Embora minha morte seja apenas minha (Heidegger, 2012), o tilintar do sino que a honra é destinado a outrem.

### **Considerações finais**

Se retomarmos a consideração lacaniana que os nós não deveriam ser pensados em separado, num estado de pureza, e os tentarmos pensar abstrata e sincronicamente, as três mortes – a morte Simbólica, inaugural porque causa eficiente do homem; a morte Imaginária relacionada à segunda morte que pode nos angustiar ao pensarmos nosso aniquilamento existencial; e, por fim, a morte Real enquanto primeira morte, causa final de todo homem – as três mortes se costuram, enodam-se sem poderem ser pensadas puramente em separado, mas apenas como conjunto lógico. Nesse sentido, o falasser é inaugurado pela promessa de





uma morte certa que o assombra com a ameaça de um aniquilamento subjetivo que ecoa enquanto impossibilidade de escrita, de sentido.

Não obstante esse caminho, cabe ainda apresentar uma última afirmação lacaniana recortada para esse estudo, qual seja: que a primeira entrada da linguagem em jogo, o que o psicanalista vai nomear de traço unário, marca o sujeito como para-a-morte. Diz Lacan no Seminário sobre "o avesso da psicanálise": "observem bem que nada toma sentido até que a morte entre na jogada" (1992, p. 188). Mas, qual morte? Qual delas oferece sentido à existência? Entendo que, logicamente, a morte Simbólica.

Contudo, e visando finalizar, se lermos o Nó Borromeu de maneira sincrônica, tentando reconhecer o enodamento e a simultaneidade dos registros, poderíamos conjecturar que a vida humana, o universo humano enquanto aquele que existe apenas no campo da linguagem, inaugura-se e se mantém pela e no domínio da morte, Simbólica, Imaginária e Real. É ela, a morte em sua tripartição, que sustentaria o sujeito existente no campo da linguagem.

No final das contas, são necessários três sinos para que uma vida tenha sentido, até porque uma frase e uma vida só tomam sentido no ponto final, no último badalar que ecoará por um ínfimo instante, se comparado com o resto dos tempos. Um ponto final, um último sino que, apesar de me homenagear, nunca o poderei escutar.

### Referências Bibliográficas

- Amster, P. (2010). *Apuntes matemáticos para leer a Lacan: 1. Topología*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Aristóteles. (2002). *Metafísica*. São Paulo: Edições Loyola.
- Camus, A. (2010). *O mito de Sísifo*. São Paulo: BestBolso.
- Colares, K. (2021). Isso, Eu e Supereu x RSI. In F. G. Dutra, & M. Mezza (Orgs). *Lacan. A revolução negada* (pp. 115-129). Curitiba: CRV.
- Eidelsztein, A. (2017). *Otro Lacan*. Buenos Aires: Letra viva.
- Eidelsztein, A. (2018a). *El origen del sujeto en psicoanálisis: Del Big Bang del lenguaje y el discurso en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Eidelsztein, A. (2018b). *Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan*. São Paulo: Toro Editora.
- Francisco, E. F. (2012). *Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português*. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil.
- Freud, S. (1996). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 285-316). Rio de Janeiro: Imago.
- Fundação Jean Villard-Gilles. (2011). *A propos de la chanson "Les Trois Cloches"*. Saint-Saphorin/Suíça. [http://www.fondationgilles.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=55:les-trois-cloches&catid=34:gilles-en-textes-et-chansons&Itemid=137](http://www.fondationgilles.org/index.php?option=com_content&view=article&id=55:les-trois-cloches&catid=34:gilles-en-textes-et-chansons&Itemid=137)



Gomide, W. (2016). A teoria cantoriana dos números transfinitos: sua relação com o pensamento analógico-geométrico. *Veritas*, 61 (2), 337-349. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2016.2.25652>

Hegel, G. W. F. (2014). *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis/RJ: Vozes.

Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo*. Campinas: Editora da Unicamp.

Kierkegaard, S. (2013). *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário*. Petrópolis/RJ: Vozes.

Lacan, J. (1955a). *La lettre volée 1955*. <http://staferla.free.fr/Lacan/La%20lettre%20volee.pdf>

Lacan, J. (1955b). *Le moi, 1955*. <http://staferla.free.fr/S2/S2%20LE%20MOI.pdf>

Lacan, J. (1959). *Séminaire 6: Le désir et son interprétation*. <http://staferla.free.fr/S6/S6%20LE%20DESIR.pdf>

Lacan, J. (1960). *L'éthique 1959-60*. <http://staferla.free.fr/S7/S7%20L'ETHIQUE.pdf>

Lacan, J. (1962). *El seminario 9: La identificación*. <https://www.lacanterafreudiana.com.ar/lacanterafreudiana/jacques-lacan-seminario9.html>

Lacan, J. (1972). *Ou pire 1971-72*. <http://staferla.free.fr/S19/S19...OU%20PIRE.pdf>

Lacan, J. (1973). *Encore 1972-73*. <http://staferla.free.fr/S20/S20%20ENCORE.pdf>

Lacan, J. (1974). *La Troisième*. [http://staferla.free.fr/Lacan/La\\_Troisieme.pdf](http://staferla.free.fr/Lacan/La_Troisieme.pdf)

Lacan, J. (1976). *Le Sinthome 1975-76*. <http://staferla.free.fr/S23/S23%20LE%20SINTHOME.pdf>

Lacan, J. (1977). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre 1976-77*. [http://www.valas.fr/IMG/pdf/S24\\_L\\_INSU---.pdf](http://www.valas.fr/IMG/pdf/S24_L_INSU---.pdf)

Lacan, J. (1980). *El seminario de Caracas*. <https://www.psicologosencostarica.com/el-seminario-de-caracas-jacques-lacan-12-de-julio-1980/>

Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, 1969-1970*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1998a). O estágio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1998b). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1998c). Posição do inconsciente. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 843 - 864). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 508 - 543). Rio de Janeiro: Zahar.



Lacan, J. (2005). O simbólico, o imaginário e o real. In J. Lacan. *Nomes-do-Pai* (pp. 9 - 54). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954*. Rio de Janeiro: Zahar.

Miller, J-A. (2017). Jacques Lacan: Conférence de Louvain. *Revue La Cause du Désir*, 96 (1), 7-30.

Mohr, A. M. (2020). A morte de Lacan: um dos nomes do não-ser e causa eficiente do parlêtre. *Basíliade Revista de Filosofia*, 2 (4), 127-141. <http://dx.doi.org/10.35357/2596-092X.v2n4p127-141/2020>

Nietzsche, F. W. (2008). *Sobre verdade e mentira*. São Paulo: Hedra.

Pessoa, F. (1994). *Poemas de Ricardo Reis*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Platão. (2004). Fédon. In Platão. *Diálogos* (pp. 115-190). São Paulo: Nova Cultural.

Popper, K. R. (1980). *Conjecturas e Refutações*. Brasília: Editora da UnB.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Saussure, F. (2006). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.

Schopenhauer, A. (2005). *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: Editora UNESP.

*Recebido em: 25 de dezembro de 2021*

*Aprovado em: 25 de julho de 2022*

